



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz dados de atividade no Brasil. No cenário internacional, atenção para números de inflação e balanços do setor bancário nos EUA e PIB na China.

A semana no Brasil é marcada pela divulgação de dados de atividade referentes a maio, que podem consolidar o cenário de desaceleração no segundo trimestre. O IBGE divulga na quarta-feira (15) o resultado do setor de serviços e, na quinta (16), publica os números do varejo. Em relação aos serviços, o consenso de mercado projeta ligeira alta de 0,1% no mês, arrefecendo após avanço de 1,2% registrado em abril. Caso se confirme, o resultado sugerirá um crescimento modesto do setor no trimestre, desacelerando o crescimento acumulado no ano para abaixo de 2%. Quanto ao varejo (ampliado), a mediana do mercado projeta alta de 0,9% em maio, recuperando-se após o fraco desempenho de abril (-0,7%). De toda forma, a projeção indica desempenho próximo da estabilidade no trimestre, desacelerando após a forte expansão do 1T26 (+1,1%), além de mostrar também algum arrefecimento no crescimento acumulado do ano (de 1,8% para 1,7%).

Nesse contexto, o BC divulga o resultado do IBC-Br, prévia mensal do PIB, que deve recuar 0,1% em maio. O resultado reverte o avanço de 0,5% em abril. Com isso, o IBC-Br deve reforçar os sinais de desaceleração no 2T26, apontando expansão mais tímida do que a observada no primeiro trimestre, quando o indicador avançou 1,3%. No acumulado em 12 meses a expansão também deve desacelerar, para 1,4% (ante 1,6%). No geral, os dados podem dar suporte para um novo corte de juros pelo BC, embora o cenário internacional continue bastante volátil e incerto. O dado será conhecido na sexta (17).

Nos EUA, o foco será a divulgação da inflação ao consumidor (CPI) de junho, que deve trazer algum alívio na margem. O dado sai na terça (14), e a expectativa do mercado é de queda de 0,1% no mês, após alta média de 0,7% nos três meses anteriores, marcados pelo conflito no Oriente Médio. No acumulado em 12 meses, o CPI deve desacelerar de 4,2% para 3,8%. A leitura será relevante para o mercado entender quanto do choque inflacionário tende a se dissipar e qual o efeito sobre outros itens, especialmente serviços e, por consequência, qual deve ser a postura do Fed diante deste quadro. Ainda no âmbito da inflação, na quarta (15) será a vez dos preços ao produtor (PPI). Fechando a agenda de indicadores, serão divulgadas as vendas no varejo e a produção industrial de junho, que devem trazer novos sinais de resiliência da economia norte-americana no 2T26.

Os principais bancos dos EUA divulgam seus resultados referentes ao 2º trimestre, abrindo a temporada de balanços corporativos. De modo geral, o setor bancário deve manter desempenho positivo, apesar do cenário marcado pelos impactos da guerra entre EUA e Irã e pelas incertezas econômicas. Os números devem ser sustentados pelo resultado líquido de juros (NII), enquanto o custo de crédito deve permanecer controlado. Quanto às demais fontes de receita, o mercado de capitais seguiu dinâmico e deve contribuir para os resultados, com operações relevantes de M&A e IPOs, especialmente no segmento de IA. Além disso, os ganhos com negociação de ações (*trading*) devem seguir positivos, beneficiados pela volatilidade do mercado. Com relação ao calendário, todos os principais *players* (JP Morgan, Citi, Wells Fargo, Bank of America e Goldman Sachs) divulgam seus resultados nesta terça-feira (14), antes da abertura dos mercados.

Na China, destaque para a divulgação do PIB do 2º trimestre, que deve mostrar certa desaceleração. O número será conhecido na terça-feira (14), e a expectativa do mercado é de crescimento de 4,5% ante o mesmo período do ano anterior, inferior à alta de 5,0% registrada no 1º trimestre. O resultado deve refletir as dificuldades que o país vem enfrentando, com a prolongada crise no setor imobiliário e a demanda doméstica frágil, ainda que parcialmente compensadas pela força das exportações. No mesmo dia, também serão divulgados os dados de produção industrial e vendas no varejo de junho, que devem registrar alta de 4,6% e queda de 0,1% na comparação anual, respectivamente. Os números da balança comercial, serão conhecidos hoje (13) à noite e devem ajudar a reavaliar o vigor da demanda externa e interna.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
15/jul	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Mai/26	0,1% m/m 0,7% a/a	1,2% m/m 1,9% a/a
16/jul	IBGE: Pesquisa Mensal do Comércio (PMC)	Mai/26	0,9% m/m 1,3% a/a	-0,7% m/m 1,4% a/a
17/jul	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Mai/26	-0,1% m/m 0,4% a/a	0,5% m/m 0,9% a/a
17/jul	FGV: IGP-10	Jul/26	-0,94% m/m 2,83% a/a	-0,30% m/m 2,14% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
13/jul	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Jun/26	19,0% a/a 26,1% a/a	19,4% a/a 27,4% a/a
14/jul	China	PIB	2º tri/26	4,5% a/a	5,0% a/a
14/jul	China	Produção Industrial	Jun/26	4,6% a/a	4,5% a/a
14/jul	China	Vendas no varejo	Jun/26	-0,1% a/a	-0,6% a/a
14/jul	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jun/26	-0,1% m/m 3,8% a/a	0,5% m/m 4,2% a/a
15/jul	Zona do Euro	Produção Industrial	Mai/26	0,3% m/m	0,1% m/m
15/jul	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Jun/26	0,0% m/m 6,2% a/a	1,1% m/m 6,5% a/a
15/jul	EUA	Fed: Livro Bege	-	-	-
16/jul	EUA	Vendas no varejo	Jun/26	0,3% m/m	0,9% m/m
16/jul	EUA	Vendas de casas pendentes	Jun/26	-0,2% m/m	3,8% m/m
17/jul	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jun/26 - final	-0,1% m/m 2,8% a/a	0,1% m/m 3,2% a/a
17/jul	EUA	Alvarás para novas construções	Jun/26 - prévia	-0,7% m/m	-0,9% m/m
17/jul	EUA	Produção Industrial	Jun/26	0,2% m/m	0,1% m/m
17/jul	EUA	Confiança do consumidor (Univ. Michigan)	Jul/26 - prévia	51,0 pts	49,5 pts

Fonte: Bloomberg.



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

IPCA de junho fica abaixo do esperado com alívio nos preços dos alimentos

O IPCA subiu 0,16% em junho, abaixo da mediana (+0,32%) e do piso das expectativas (+0,26%) coletadas pela Bloomberg. O dado representa intensa desaceleração ante maio (+0,62%). No acumulado de 12 meses, o índice desacelerou de 4,72% para 4,64%, mas ainda acima do teto da meta (4,50%).

O destaque da leitura foi o recuo dos preços do grupo alimentação e bebidas (-0,24%), após seis meses de altas consecutivas, com variação média de 1,41% entre março e maio. A queda foi puxada pela alimentação no domicílio (-0,39%), em função dos recuos nas frutas (-1,58%), ovos (-0,71%), carnes (-0,64%) e arroz (-0,49%). Já a alimentação fora do domicílio desacelerou para 0,15% (ante +0,49%).

Entre os demais grupos, a maior alta veio de habitação (+0,63%), pressionado pela energia elétrica (+1,53%), que, apesar da desaceleração ante maio (+3,67%), foi responsável pelo maior impacto individual no mês (+0,06 p.p.), com a vigência da bandeira amarela e novos reajustes em diversas capitais. Destaque também para o grupo transportes, que registrou alta mensal (+0,17%; ante -0,46%), em razão da alta das passagens aéreas (+7,12%; ante +3,20%) e de certo arrefecimento na queda dos preços dos combustíveis (-0,48%; ante -1,95%).

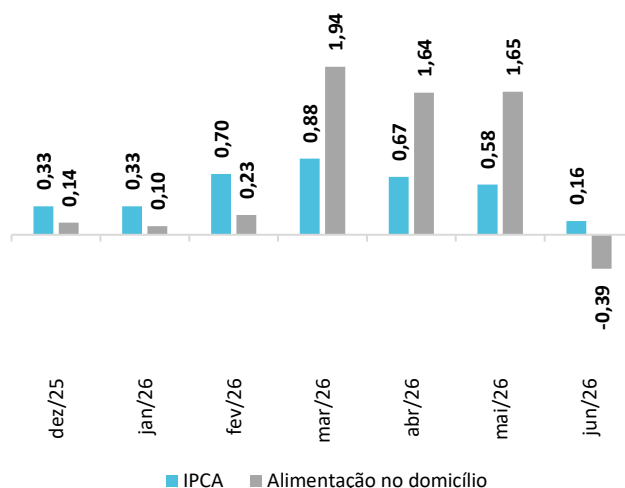
No acumulado de 12 meses, houve alívio nos principais componentes do IPCA. A alimentação no domicílio, que vinha sendo o principal vetor de aceleração do indicador, ficou praticamente estável, em 3,01% (ante +2,97%). O maior avanço continua concentrado nos itens monitorados, que também desaceleraram na margem (5,52%; ante 5,85%). Já o núcleo de serviços, importante para a condução da política monetária, desacelerou para 4,99%, menor nível desde set/24 (4,73%), enquanto a média dos núcleos permaneceu próxima do teto da meta, embora também em desaceleração (4,45%; ante 4,53%).

Portanto, o IPCA trouxe um número mais benigno do que o esperado, com alívio importante na alimentação no domicílio. No geral, o resultado, somado aos dados mais fracos de atividade já conhecidos para o 2T26, reforça a expectativa de nova queda da Selic.

Contudo, o ambiente segue desafiador, dada a expectativa de ocorrência do fenômeno climático El Niño no 2º semestre, que deve gerar pressão adicional sobre os preços, além da retomada do conflito no Oriente Médio, que pode voltar a pressionar os preços do petróleo e de seus derivados.

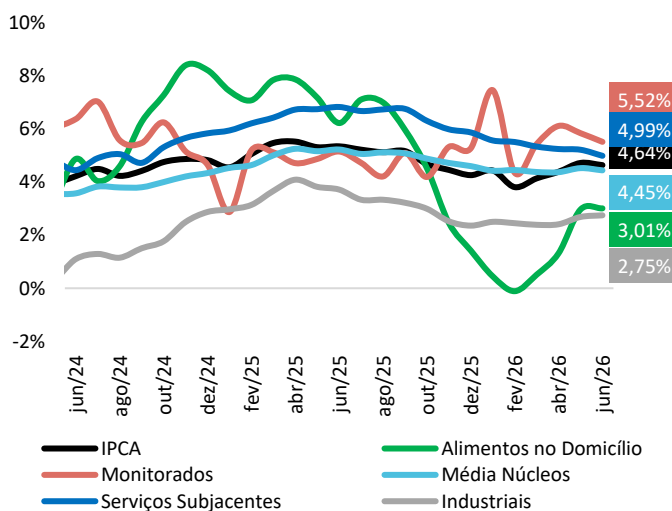
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: IPCA: Geral e Alimentação no domicílio
Var. % mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA e Aberturas
Var. % Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE

Na mesma direção, o IGP-DI também mostrou arrefecimento em junho. O índice caiu 0,79% no mês, devolvendo parcialmente a alta de 4,48% acumulada entre março e maio. O recuo foi liderado pelos preços no atacado (IPA), que registraram deflação de 1,36% em junho, refletindo a queda dos preços de *commodities* industriais e agrícolas, com destaque para: café (-8,7%), laranja (-8,2%) e o minério de ferro (-4,1%). O preço do óleo diesel (-9,6%) também caiu nas refinarias, em função da normalização de sua produção e escoamento com o cessar-fogo no Oriente Médio, que, no entanto, foi interrompido na última semana. No acumulado de 12 meses, o IGP-DI atingiu 3,59% (ante 2,52%).

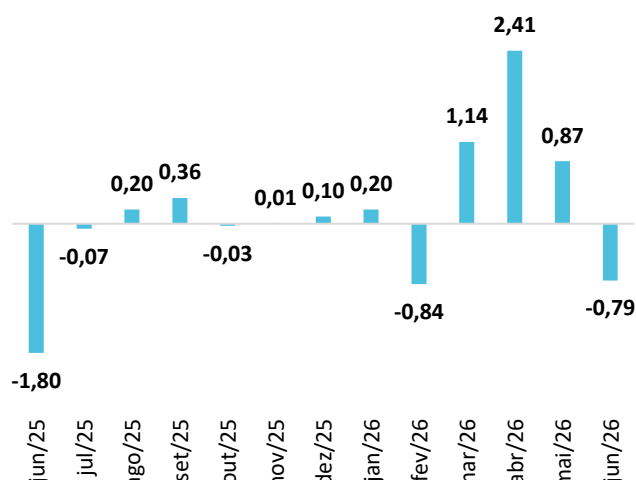
Em relação à atividade, o setor automobilístico segue dinâmico, na produção e, sobretudo, nos emplacamentos (vendas). Foram registrados 1,42 milhão de emplacamentos no 1º semestre, alta de 18,5% em relação ao 1S25. Na margem, os emplacamentos avançaram 9,5% no 2T26, na série dessazonalizada. Parte desse crescimento está associada ao aumento das importações de veículos, que avançaram 22,8% na comparação interanual e alcançaram quase 20% dos emplacamentos no semestre, alta de 1,6 p.p. ante o mesmo período de 2025. Já a produção de veículos atingiu 1,37 milhão de unidades no semestre, com crescimento interanual de 8,7%.

Os dados setoriais divulgados na última semana mostram um setor aquecido, ainda que com divergências internas relevantes. Por um lado, os emplacamentos voltaram a registrar crescimento robusto, concentrado em automóveis, segmento que expandiu 23,7% na comparação interanual, segundo a Anfavea. As motocicletas também seguiram dinâmicas, com crescimento interanual de 11,2% no semestre, de acordo com a Fenabrave. Por outro lado, o segmento de pesados permaneceu em terreno negativo, com quedas de 9,4% em caminhões e de 8,0% em ônibus, ambas na comparação interanual.

Apesar do resultado ainda negativo no semestre, os segmentos de caminhões e ônibus apresentaram recuperação no 2T26. No caso dos caminhões, o movimento possivelmente reflete os efeitos do programa Move Brasil, embora ainda insuficientes para levar os emplacamentos ao campo positivo na comparação interanual. Na margem, os emplacamentos cresceram 14,3% para caminhões e 9,0% para ônibus no 2T26, revertendo o desempenho negativo do 1T26, quando haviam recuado 9,8% e 11,7%, respectivamente.

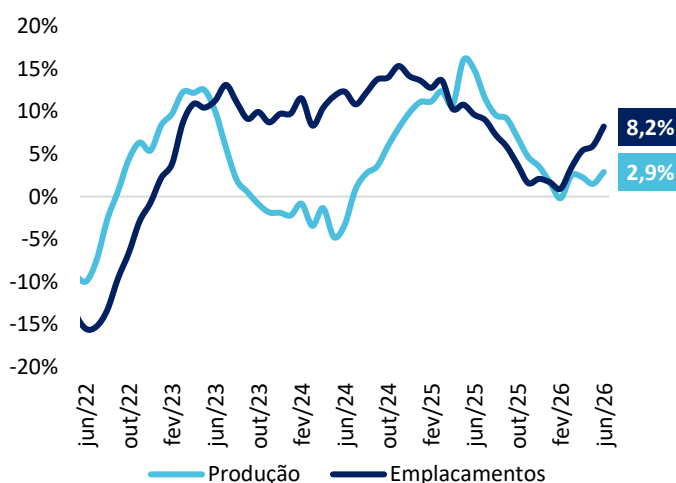
A divergência entre os segmentos reflete diferenças de sensibilidade ao ciclo econômico e às condições de crédito. Em um cenário de desaceleração da atividade e juros ainda restritivos, o setor de caminhões manteve trajetória negativa no acumulado do semestre.

Quadro 3: IGP-DI/FGV
Var.% Mensal



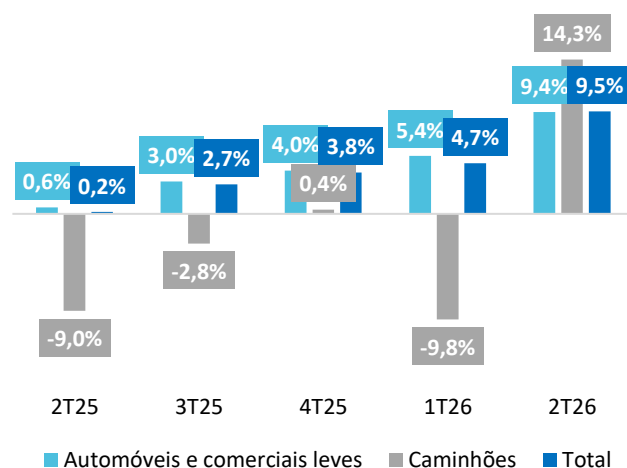
Fonte: FGV

Quadro 4: Resultado do Setor de Veículos
Var (%) – Acum. 12 Meses



Fonte: Anfavea

Quadro 5: Emplacamentos de Veículos
Var (%) Trimestral - Dessazonalizado



Fonte: Fenabrave, Febraban

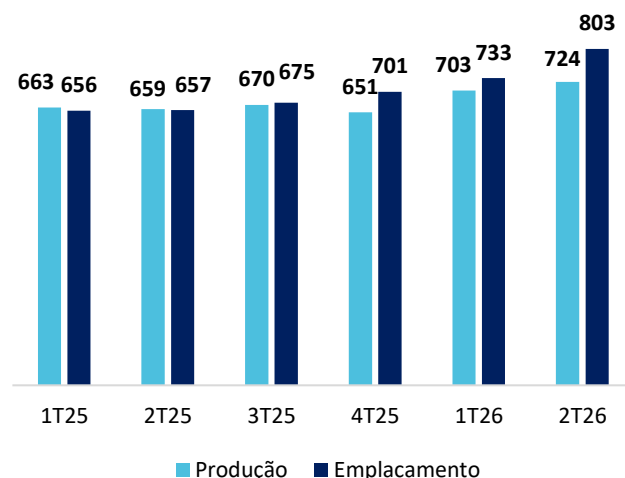
Já os automóveis, mais associados à renda das famílias, registraram alta relevante e devem seguir com desempenho positivo, beneficiados pela desoneração do IPI para determinados veículos (instituída no 2º semestre de 2025) e pelos programas de incentivo à compra de carros novos por motoristas de aplicativo e taxistas.

A oferta local tem acompanhado parcialmente a demanda interna. A produção total do setor avançou 3,0% no 2T26 ante o 1T26, na série com ajuste sazonal, com expansão concentrada em automóveis e comerciais leves (+12,7% na mesma comparação). Em contrapartida, os segmentos de pesados voltaram a apresentar desempenho negativo, com queda de 10,3% na produção de caminhões e de 1,7% na de ônibus.

O 1S26 também manteve a tendência negativa das exportações, com queda de 21,3% em relação ao mesmo período de 2025. Esse resultado decorre, em parte, da redução da demanda no principal mercado comprador do Brasil, a Argentina, influenciada tanto pelas condições internas do país vizinho quanto pelo aumento da concorrência, especialmente dos veículos chineses.

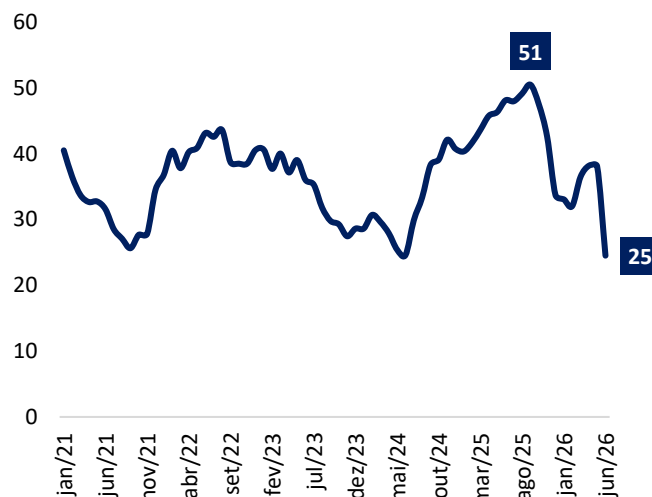
Para a sequência do ano, espera-se que esse dinamismo continue, o que contribui para a sustentação da indústria de transformação em um ambiente desafiador. O principal vetor são as políticas de crédito já anunciadas, que devem produzir seus principais efeitos neste 3T26.

Quadro 6: Resultado Trimestral do Setor de Veículos
Quantidade (mil unidades) - Dessazonalizado



Fonte: Fenabreve, Anfavea, Febraban

Quadro 7: Exportação de Veículos
Quantidade (mil unid.) - MM3M dessazonalizado



Fonte: Anfavea, Febraban

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Quebra do cessar-fogo entre EUA e Irã volta a pressionar preço do petróleo

A última semana foi marcada pela retomada das tensões entre EUA e Irã após dois dias de confrontos, que interromperam o cessar-fogo e ameaçam as negociações de um acordo de paz permanente na região. Os ataques norte-americanos ao Irã foram uma resposta às ofensivas iranianas contra embarcações que trafegavam no Estreito de Ormuz. A volta das hostilidades freou o movimento de normalização do tráfego no estreito (Quadro 9). Adicionalmente, o Tesouro dos EUA revogou a licença geral que autorizava a venda global de petróleo iraniano. Com isso, o preço do petróleo sofreu forte volatilidade e fechou a semana com alta de 5,8%. Nesta manhã de segunda, o preço do barril de petróleo sobe mais 3% e volta a se aproximar da faixa de US\$ 80.

No cenário econômico, foi divulgada a ata da última reunião do Fed, referente ao encontro dos dias 16 e 17 de junho, quando o comitê manteve pela 4ª vez consecutiva os juros entre 3,50% e 3,75% a.a. O documento, primeiro sob a condução de Kevin Warsh, foi novamente encurtado (assim como o comunicado) e não deu pistas ao mercado sobre as próximas decisões (*forward guidance*). A ata confirmou que a maior parte dos membros preferiu retirar o trecho do comunicado que sugeria um viés de corte dos *Fed Funds* como direção mais provável das decisões futuras. Quanto à inflação, muitos participantes admitiram pressões de preços mais disseminadas e uma inflação de serviços sem sinais de melhora. Quanto aos indicadores, a leitura final do PMI de serviços de junho confirmou que o setor ganhou dinamismo no mês, com o indicador atingindo 51,2 pts (ante 50,7 pts). O crescimento tem sido puxado pelos novos negócios, com as empresas percebendo certa estabilidade das condições econômicas. Adicionalmente, a demanda relacionada à Copa do Mundo da FIFA no país também foi destacada no release do PMI como fator positivo para o setor.

Na China, foram divulgados os indicadores de preços de junho, que registraram certa estabilidade, ainda que em patamares distintos. A inflação ao consumidor (CPI) desacelerou de 1,2% para 1,0%, refletindo a queda dos preços de energia. Já os preços ao produtor (PPI) aceleraram ligeiramente (4,1%; ante 3,9%), maior nível desde jul/22 (+4,2%), diante da alta das *commodities* metálicas.

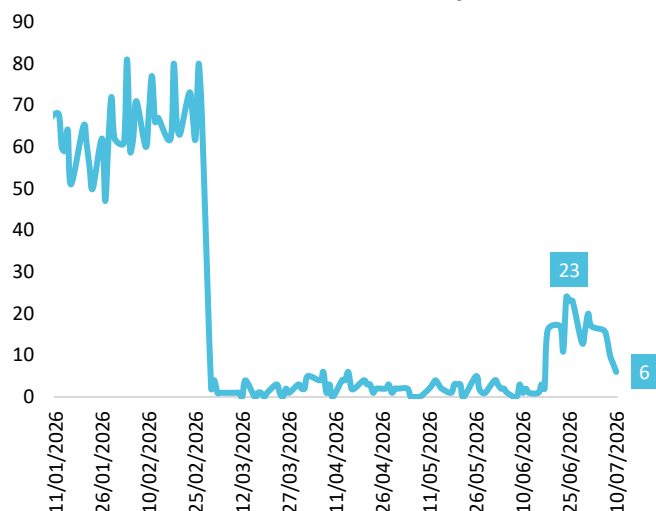
Na Zona do Euro, o índice PPI subiu 0,2% em maio, bem abaixo do resultado de abril (+0,7%), também com alívio dos preços de energia. Contudo, no acumulado de 12 meses, os preços aceleraram para 5,9% (ante 5,0%), revelando um quadro ainda desafiador.

Quadro 8: Preço do Petróleo (tipo Brent)
Em US\$ por barril



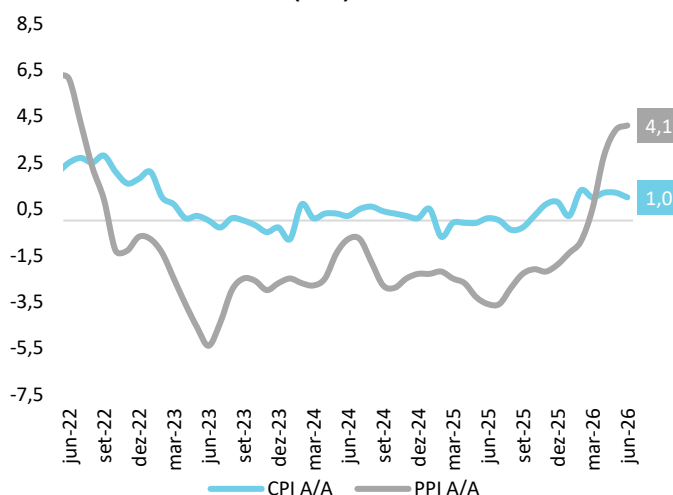
Fonte: Bloomberg.

Quadro 9: Navegação de Navios-tanque através do Estreito de Ormuz – Qtde. por dia



Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: China – Inflação ao Consumidor (CPI) e ao Produtor (PPI) – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

The Banker Top 1.000 World Banks 2026

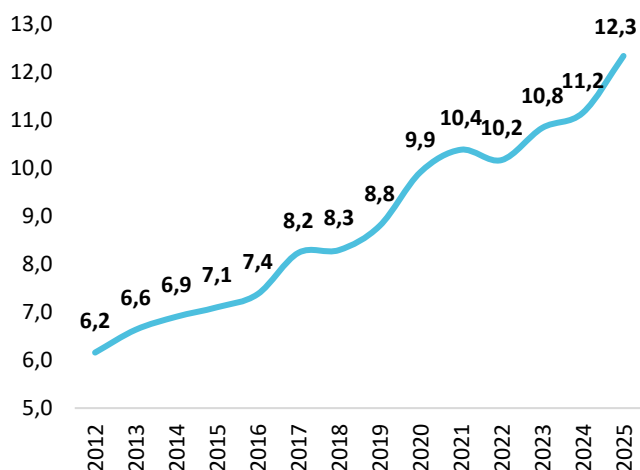
CRÉDITO / BANCOS

A partir desta semana, iniciaremos uma série de análises com base nas informações disponibilizadas pela revista The Banker, publicação associada ao jornal Financial Times, que divulgou na última quarta-feira (8) o ranking Top 1000 World Banks 2026, com dados referentes a 2025. A publicação considera o volume de Capital Nível 1 (Tier 1), em US\$, dos maiores conglomerados financeiros do mundo, seguindo os critérios de capital do Comitê de Basileia. Esse capital é formado pelo capital social dos bancos, lucros acumulados, reservas de capital e instrumentos híbridos elegíveis à regulação, como títulos perpétuos (AT1). Tal parcela é responsável por assegurar, de forma mais efetiva, a solvência das instituições financeiras. A base de dados total é composta por mais de cinco mil bancos. Os dados das filiais de bancos com capital estrangeiro são consolidados em suas matrizes, por exemplo, as informações do Santander Brasil são consolidadas na Espanha.

Nesta semana, avaliamos os dados de Capital Nível 1, principal métrica do ranking, por instituições, países e regiões. Outros temas, como rentabilidade e desempenho da carteira de crédito, serão abordados nas próximas edições do boletim. Ao longo da série, daremos atenção especial ao posicionamento dos bancos brasileiros no ranking, analisando sua evolução relativa frente aos pares internacionais. De forma geral, a revista destacou que 2025 consolidou o avanço, ainda que frágil, dos bancos chineses no topo do ranking global, com sete das dez primeiras posições agora ocupadas por instituições do país. A elevação do Capital Nível 1 dos grandes bancos chineses veio, em boa parte, da injeção de recursos estatais, em meio à prolongada crise imobiliária e à desaceleração da economia doméstica. A The Banker ressaltou que, apesar do avanço em tamanho, a rentabilidade das instituições chinesas segue comprimida e significativamente inferior à de seus pares globais, especialmente os bancos norte-americanos. Em contrapartida, tanto bancos norte-americanos quanto europeus mostraram maior vitalidade em 2025 na comparação com 2024. A publicação também chamou atenção para o movimento de internacionalização dos bancos chineses, cada vez mais voltados a oportunidades fora do mercado doméstico e alinhados ao objetivo de Pequim de ampliar o uso do renminbi em substituição ao dólar. Movimento este impulsionado também pelas tensões geopolíticas e pela nova política tarifária do governo Trump, que se intensificou ao longo de 2025.

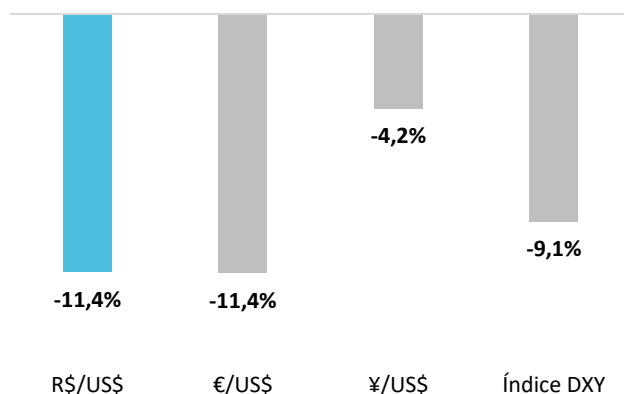
Em 2025, o Capital Nível 1 agregado dos 1.000 maiores bancos do mundo atingiu US\$ 12,3 tri, alta de 10,6% ante o ano anterior, conforme o Quadro 11, variação superior à média dos últimos 10 anos (+5,0%). Como os dados são mensurados em dólar, a variação cambial tem efeitos relevantes na análise. Em 2025, o dólar se depreciou ante as principais moedas: o índice DXY (cesta de moedas de países avançados)* recuou 9,1% no período, por exemplo. No Brasil, o fenômeno foi ainda mais intenso, com queda do dólar de 11,4% no ano. Com isso, a variação cambial impulsionou o crescimento dos valores reportados por bancos sediados em economias cujas moedas se apreciaram, como o real e o euro (Quadro 12).

Quadro 11: Evolução do volume de Capital Nível 1 dos 1000 maiores bancos do mundo (US\$ tri)



Fonte: The Banker

Quadro 12: Desempenho do dólar (Var.% em 2025)



Fonte: Bloomberg. *Índice DXY é composto por uma cesta de seis moedas de economias avançadas: euro, iene japonês, libra esterlina, dólar canadense, coroa sueca e franco suíço.

O ranking por país segue dominado pela China, que ocupa as quatro primeiras colocações e sete posições no Top 10. O líder, pelo 14º ano consecutivo, foi o Industrial and Commercial Bank of China (ICBC), com volume de Capital Nível 1 de US\$ 604,1 bi, alta de 11,7% no ano. Para efeito de comparação, esse montante é praticamente o dobro do observado no maior banco dos EUA, o JP Morgan, que permaneceu na 5ª colocação, com US\$ 307,6 bi. Além do JP, apenas outros dois bancos norte-americanos (BofA e Citi) seguiram entre os 10 maiores do mundo, enquanto o Wells Fargo caiu da 10ª para a 11ª posição. A Europa, por sua vez, não possui nenhum banco entre os Top 10 pelo segundo ano consecutivo, com o britânico HSBC como o melhor colocado (12ª colocação).

Quadro 13: Ranking por Capital Nível 1 - Top 10 e Bancos Brasileiros

Ranking		Banco	País	Capital Nível 1	
2025	2024			US\$ mi	Var. %
1	1	Industrial and Commercial Bank of China	China	604.102	11,7%
2	2	China Construction Bank Corporation	China	524.146	15,1%
3	3	Agricultural Bank of China	China	460.410	9,1%
4	4	Bank of China	China	429.572	13,5%
5	5	JP Morgan Chase & Co	US	307.630	4,3%
6	6	Bank of America	US	227.382	1,8%
7	9	Bank of Communications	China	180.981	15,8%
8	7	Citigroup	US	179.675	2,9%
9	8	China Merchants Bank	China	178.114	8,0%
10	12	Postal Savings Bank of China	China	165.043	17,6%
64	68	Itau Unibanco Holding	Brazil	37.847	13,6%
72	81	Banco do Brasil	Brazil	35.053	28,0%
89	99	Banco Bradesco	Brazil	26.517	31,7%
90	105	Caixa Economica Federal	Brazil	26.264	35,5%
171	200	Banco BTG Pactual	Brazil	13.179	44,8%
375	440	Nubank	Brazil	4.473	37,6%
393	357	Banco Safra	Brazil	4.080	-6,6%
622	689	Banco XP	Brazil	1.919	26,6%
631	691	Banco do Estado do Rio Grande do Sul	Brazil	1.873	25,2%
657	742	Banco Daycoval	Brazil	1.787	37,1%
738	814	Banco Cooperativo Sicredi	Brazil	1.395	32,6%
766	819	Banco da Amazonia	Brazil	1.316	26,7%
802	881	Sicoob	Brazil	1.181	33,1%
805	960	Banco C6	Brazil	1.172	59,1%
863	892	Banco Inter	Brazil	1.025	20,5%

Com relação aos bancos brasileiros, o país perdeu uma instituição entre as 1.000 maiores em relação a 2024, passando a ter 15 IFs no ranking, em função da liquidação do Banco Master no fim de 2025. A expressiva valorização do real frente ao dólar, que saiu de R\$/US\$ 6,18 no fim de 2024 para R\$/US\$ 5,47 no final do ano passado, ajudou a expandir o Capital Nível 1 dos bancos brasileiros em 26,4% no ranking, com avanço disseminado entre as IFs. Desconsiderando a variação cambial, a expansão foi menor (+12,1%), ainda que também represente uma alta considerável. Como consequência, o ganho de posições no ranking foi generalizado. O Itaú Unibanco segue como líder, com US\$ 37,8 bi de Capital Nível 1, subindo da 68ª para a 64ª posição, seguido pelo Banco do Brasil (72ª; ante 81ª), Bradesco (89ª; ante 99ª) e Caixa Econômica Federal (90ª; ante 105ª), que também figuram entre os 100 maiores bancos do mundo. Entre os ganhos de posição mais relevantes, destaque para o Banco C6, que ganhou 155 posições, alcançando a 805ª colocação, e o Daycoval, que subiu 85 posições, para a 657ª. A exceção veio do Safra, cujo capital recuou 6,6% em dólar, caindo para a 393ª posição na lista.

Avaliando o ranking por região (Quadro 14), a Ásia e Pacífico segue na liderança, respondendo por aproximadamente metade (49,6%) do Capital Nível 1 da lista, com 383 instituições entre as 1.000 maiores e alta de 9,5% do volume de capital ante 2024, abaixo da média global (+11,7%). Vale destacar que as variações consideram apenas os bancos presentes no ranking em 2025 e 2024, eliminando o efeito de entrada e saída de instituições no cálculo. O resultado da região foi puxado pelo setor bancário chinês, cujo volume de capital subiu 11,6% no período, atingindo 33,9% do total global. O país seguiu contando com 143 bancos no ranking.

A Europa Ocidental aparece em 2º lugar, com 21,7% do capital total e 209 IFs na lista, registrando alta de 17,2% no volume de capital. A França é o país mais relevante da região: embora conte com apenas 6 bancos no ranking, o volume somado de US\$ 558,1 bi é suficiente para colocá-la na 4ª posição do ranking por país.

Já a América do Norte registrou incremento de 6,4% do capital, representando 18,6% do volume global, com 196 bancos na lista. Os EUA são o principal país da região, com 181 bancos no ranking (ante 192 na lista anterior) e alta de 5,9% no volume de capital, o equivalente a 15,7% do total.

Na América do Sul, o desempenho ficou acima das demais regiões, com o Capital Nível 1 subindo 19,5%, distribuído entre 42 bancos, mantendo a participação de 2,0% no volume total de capital da amostra. O avanço foi puxado pelo Brasil (+26,4%), com impacto da valorização cambial já citada. O Quadro 15 traz a evolução da participação dos bancos brasileiros no ranking desde 2012. Como mencionado, o país teve 15 IFs na lista, 5º melhor registro do período. Ainda assim, voltou a ganhar participação, atingindo 1,3% do volume de capital, distanciando-se do nível observado logo após a pandemia (1,0% em 2020 e 2021). Por outro lado, o Brasil recuou no ranking por país, caindo da 17ª para a 18ª colocação, ultrapassado pela Rússia, que subiu da 18ª para a 14ª posição.

Por fim, o Quadro 16 traz a evolução da importância relativa de países selecionados. Nota-se que, após o forte aumento da representatividade do setor bancário da China entre 2012 e 2021, o movimento perdeu parte do dinamismo, diante dos desafios econômicos que o país tem enfrentado.

Ainda assim, a China já representa cerca de um terço (33,9%) do capital das 1.000 maiores instituições. Em seguida aparecem os bancos dos EUA (15,7%), cuja participação segue com leve viés de queda na margem. Já os bancos japoneses e europeus registraram recuo mais significativo de sua representatividade ao longo da última década.

Quadro 14: Ranking por Capital Nível 1
Regiões e Países

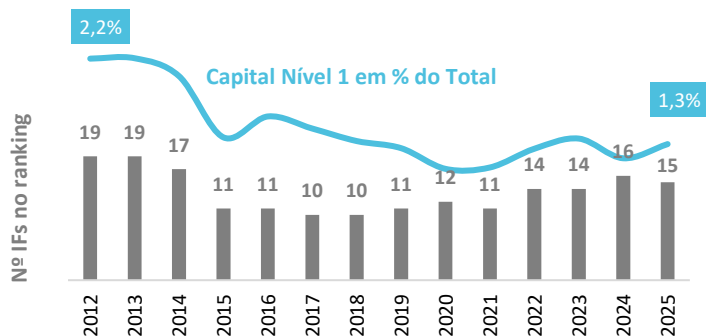
Região/País	Nº de bancos	Posição do País	Capital Nível 1 em US\$ bi	Var. %	% do Capital Total
Ásia e Pacífico	383		6.116,2	9,5%	49,6%
China	143	1º	4.178,5	11,6%	33,9%
Japão	81	3º	560,1	2,9%	4,5%
Índia	29	7º	319,3	3,4%	2,6%
Coreia do Sul	12	13º	197,1	7,5%	1,6%
Europa	209		2.677,1	17,2%	21,7%
França	6	4º	558,1	16,4%	4,5%
Reino Unido	24	5º	441,8	10,2%	3,6%
Espanha	14	8º	277,8	17,6%	2,3%
Suíça	37	9º	247,6	11,5%	2,0%
Alemanha	21	10º	238,8	14,4%	1,9%
América do Norte	196		2.294,3	6,4%	18,6%
EUA	181	2º	1.938,4	5,9%	15,7%
Canadá	12	6º	345,8	9,4%	2,8%
Oriente Médio	65		552,5	16,2%	4,5%
América do Sul	42		250,6	19,5%	2,0%
Brasil	15	18º	159,1	26,4%	1,3%
Chile	6	44º	23,4	16,2%	0,2%
Europa Leste e Central	37		263,8	45,2%	2,1%
Rússia	15	14º	192,0	53,8%	1,6%
África	33		101,1	21,3%	0,8%
África do Sul	6	31º	51,1	17,6%	0,4%
América Central	20		48,9	15,3%	0,4%
México	9	39º	31,3	19,5%	0,3%
Ásia Central	8		17,6	44,1%	0,1%
Caribe	7		8,4	14,6%	0,1%
Total	1.000		12.330,5	11,7%	100%

Fonte: The Banker

Quadro 15: Participação do Brasil no ranking
(Capital Nível 1 em % do total)

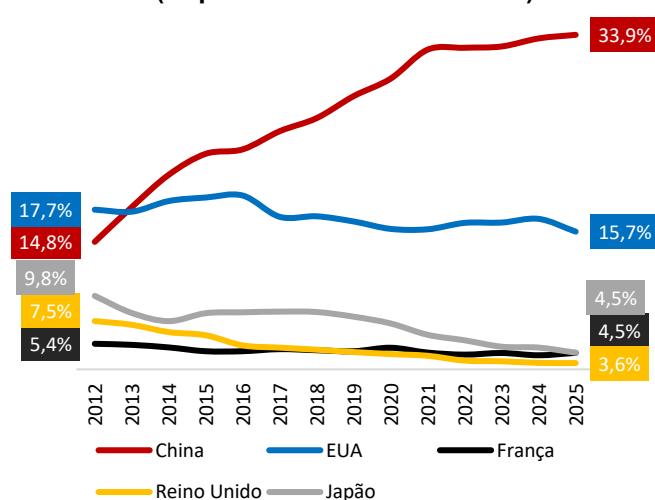
2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019 2020 2021 2022 2023 2024 2025

12º 12º 12º 15º 15º 15º 15º 16º 18º 18º 18º 15º 17º 18º
Posição do Brasil no Ranking



Fonte: The Banker

Quadro 16: Participação dos países no ranking
(Capital Nível 1 em % do total)





MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	10/07/2026	03/07/2026	12/06/26	Viés	10/07/2026	03/07/2026	12/06/26	Viés
IPCA (%)	5,16	5,30	5,30	▼	4,20	4,18	4,10	▲
PIB (% de crescimento)	1,99	1,99	1,96	↔	1,65	1,69	1,70	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	14,00	14,00	13,75	↔	12,00	12,00	12,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,20	5,20	5,20	↔	5,28	5,28	5,25	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	10/07/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,11	-1,17%	-1,03%	-6,70%	-7,66%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	123,57	-1,20%	-0,95%	-10,78%	-16,27%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,11	-0,33%	-0,33%	-5,32%	-5,40%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,90	-1,33%	-0,83%	0,67%	-5,83%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	14,23	-1,28%	0,45%	5,56%	4,75%
Índice Ibovespa (em pontos)	177.866,38	2,18%	3,40%	10,39%	30,07%
IFNC (setor financeiro)	19.054,58	4,30%	5,70%	10,17%	26,41%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	0,00%	0,00%	0,00%	-16,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,21	1,66%	0,80%	21,96%	8,62%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,56	1,70%	2,11%	10,61%	4,81%
Dollar Index	100,98	0,12%	-0,20%	2,79%	3,41%
Índice S&P 500 (em pontos)	7.575,39	1,23%	1,01%	9,85%	20,62%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	187,19	1,68%	3,25%	13,07%	29,90%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	145,92	0,05%	0,35%	16,49%	18,01%
Índice Euro Stoxx 50	6.269,97	-1,42%	-0,92%	8,17%	15,29%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	299,54	-0,05%	1,99%	13,55%	44,12%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	75,95	5,78%	4,16%	22,66%	10,65%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins